

## **A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DAS MULHERES NEGRAS NA DIÁSPORA**

Izabel da Cruz Santos<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Neste artigo apresento o mapeamento do pensamento das mulheres negras no Brasil através da literatura, especificamente de uma obra, *O Livro da Saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*, organizada por Jurema Werneck, Maisa Mendonça e Evelyn C. White, composta por uma coletânea de textos de ativistas negras do Brasil e dos EUA, revelando uma concepção política diaspórica em torno de um projeto de justiça social para as mulheres negras. Os textos são percebidos como fontes, pois trazem reflexões de mulheres negras acerca de suas vivências, permitindo investigar a trajetória de consolidação do movimento de mulheres negras e de suas perspectivas políticas. Como objetivo, busco, inicialmente, identificar nos artigos como o sexismo e o racismo são descritos como marcadores sociais de exclusão pelas mulheres negras, que deixaram marcas em suas vidas, porém as motivaram a questionar a posição social de subalternidade que lhes foi imposta pela intersecção de gênero, raça e sexualidade.

**Palavras-chave:** Diáspora negra. Pensamento de mulheres negras. Mulheres negras.

### **1 INTRODUÇÃO**

Apresento, neste artigo, o mapeamento do pensamento das mulheres negras no Brasil. A escolha metodológica surgiu da concepção de manter um diálogo entre a história e a literatura, pois o campo dos estudos históricos apresenta, hoje, um amplo leque de objetos de pesquisa e de opções teóricas postos à disposição das(os) profissionais. (VIEIRA, 2009). Apesar da sobrevivência de cânones na História, como a indispensabilidade da documentação e a busca pelo real, com a ampliação dos objetos de pesquisas proporcionada pelo surgimento da escola dos *Annales*, em 1920, podemos dizer que, a partir deste momento, abre-se o campo para a valorização de outras formas de escrever a história e para a possibilidade de que esta, enquanto disciplina, possa estabelecer diálogo com a interdisciplinaridade (VIEIRA, 2009).

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Direito pela Universidade Católica do Salvador-(UCSal). Artigo elaborado e apresentado como; Trabalho de Conclusão de Curso para, obtenção do grau de graduada em Licenciatura em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus V, sob a orientação da Profa. Dra. Cláudia Pons Cardoso, professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia. Izzabel.historia@gmail.com/ponscardoso@yahoo.com.br

No diálogo metodológico entre História e Literatura insiro minha pesquisa, pois analiso o pensamento das mulheres negras no Brasil através da literatura, especificamente da obra, *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*, organizada por Jurema Werneck, Maísa Mendonça e Evelyn C. White (2006).

A história e a literatura mantêm uma relação de identidade e representação de uma coletividade e é a partir desta concepção que entendo a obra, pois é através da literatura que as mulheres negras expõem seus pensamentos. A literatura é mais um canal de possibilidade no qual a história pode se interligar e construir o discurso histórico. O discurso literário aliado ao discurso histórico proporciona a representação de uma realidade. A História utiliza a linguagem literária para a consolidação do discurso sobre o real, tentando expressar as transformações significativas para a sociedade. Neste sentido, como afirma Valter Soares:

A literatura pode ser tomada como fonte para interpretação histórica, como documento a ser lido e desconstruído, à semelhança de um processo crime ou de um inventário. Por outro, numa postura mais ousada do ponto de vista epistemológico, tem sido tomada com representação e dizer instituidor da realidade, da História, marcando algumas diferenças, mas, sobretudo, aproximando os discursos. (SOARES, 2003, p. 2).

Discurso literário e discurso histórico formam uma leitura possível da realidade, pois instauram o imaginário que, segundo Sandra Pesavento (2006), é o sistema de representações sobre o mundo que se coloca no lugar da realidade tendo-a como referência e que está relacionado às práticas sociais que envolvem a sociedade e regem as relações humanas, discursos que buscam, de alguma maneira, dar sentido às experiências humanas. Por fim, a literatura é como um caminho que a história pode trilhar para elaborar pesquisas significativas que contribuam para o desenvolvimento da sociedade, compreendendo a literatura como registro da vida, ou seja: a literatura é a impressão da vida. É através deste campo de estudo que estabeleço o entendimento do livro em análise e investigo a literatura produzida por mulheres negras como fonte histórica para a interpretação do contexto e da realidade que as envolvem.

A literatura sempre esteve ligada à trajetória de mulheres, principalmente das classes dominantes, entrosadas com a escrita, sempre foi o instrumento utilizado pelas mulheres para comunicar a indignação com as injustiças sociais. Para as mulheres negras, apesar das dificuldades, não tem sido diferente, pois, mesmo com acesso restrito às agências de

publicação, muitas são as formas de burlar as barreiras editoriais, seja através da publicação coletiva e autônoma, produzida por organizações de mulheres negras ou, até mesmo, por ações individuais<sup>2</sup>. Através da literatura, as mulheres negras vêm tecendo seu próprio pensamento e se autodefinindo.

Pensar a construção da história através do pensamento das mulheres negras também desconstrói o tradicionalismo da perspectiva androcêntrica de produção de conhecimento. A história das mulheres surge com o propósito de desmistificar a história androcêntrica como universal. Segundo Raquel Soihet (1997), com a pluralização dos objetos de investigação histórica as mulheres são alçadas à condição de objeto e sujeito da história.

Tenho como objetivo identificar os elementos constitutivos do pensamento das mulheres negras no Brasil através da obra *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*, assim como, também, entender o contexto político para a organização do livro; identificar as perspectivas de mulheres negras sobre feminismos e movimento de mulheres negras; e analisar as estratégias de enfrentamento contra o racismo e sexismo e as desigualdades de classe.

Estabeleço, ainda, diálogo com a história oral, pois entrevistei uma das organizadoras do livro, visando entender o seu contexto de produção. Segundo Silvana Bispo Santos (2011), a história oral se traduz em ferramenta metodológica inovadora, principalmente em estudos sobre os subalternos, na medida em que oferece a possibilidade da escrita de uma “história vista de baixo”, atenta às maneiras de ver e de sentir dos segmentos excluídos pela história oficial. A história oral prefere as visões subjetivas e os percursos individuais, em uma perspectiva decididamente da “micro-história”. (FERREIRA; AMADO, 2001).

É através do olhar da história oral e da micro-história que proponho entender a obra, uma coletânea de textos sobre trajetórias das mulheres negras, trajetórias silenciadas pela historiografia tradicional e pela própria produção de conhecimento feminista, pois mulheres negras e homens negros diante da condição criada pelo racismo são percebidas(os) como

---

<sup>2</sup> Carolina Maria de Jesus, mulher negra, pobre e filha de escravos, se tornou escritora por ser apaixonada pela leitura. Em agosto de 1960, publicou o livro *Quarto de despejo* e, posteriormente, vieram outros. Carolina é um referencial importante para os estudos culturais e literários, tanto no Brasil como no exterior e representa a nossa literatura periférica/marginal e afro-brasileira. É um exemplo de resistência, inteligência e capacidade, que fica para sempre na história das mulheres negras. Disponível em: <<http://livrespensadores.net/artigos/carolina-maria-de-jesus-a-escritora-que-o-brasil-esqueceu/>>. Acesso em: 23 nov. 2013.

incapazes de produzirem conhecimento. Dito de outra forma, as mulheres negras têm seu *status* do ser negado pelo racismo, pela discriminação racial e pelo sexismo, resultando em sua exclusão como “sujeito social” e na negação de suas habilidades intelectuais. (CARDOSO, 2012, p. 67).

Mesmo com a abrangência de dimensões e possibilidades pelas novas correntes historiográficas – de temas, recortes, temporalidades, fontes e até da crítica feminista à ciência androcêntrica –, as mulheres marcadas pela experiência do racismo ainda permanecem sub-representadas na história do Brasil. (SANTOS, 2011, p. 61).

Assim, ensinar História da África e aspectos culturais afro-brasileiros nas escolas parece um bom caminho para nos livrarmos de preconceitos historicamente construídos e que contribuem para impedir que a população negra tenha igualdade. (SOUZA, 2009, p. 96). Como afirma Silvana Bispo Santos (2011), precisamos pensar sobre este campo discursivo como um estudo dinâmico na política de produção de conhecimento, em que as variáveis de identidades sejam devidamente observadas, compreendidas e interpretadas, para que as mulheres negras não permaneçam como sombras tênues na historiografia brasileira.

A obra em análise contribui para o processo de visibilidade histórica das mulheres negras em nossa sociedade. Deste modo, interpreto este trabalho como parte do processo de resgate histórico-cultural das mulheres negras no Brasil, contribuindo para o preenchimento das lacunas a respeito da sua história e de suas trajetórias na contemporaneidade.

## **2 INTERPRETANDO O LIVRO DA SAÚDE DAS MULHERES NEGRAS: NOSSOS PASSOS VÊM DE LONGE**

O livro é uma coletânea de textos de ativistas negras do Brasil e dos EUA e apresenta uma concepção diaspórica em torno de um projeto de justiça social para as mulheres negras. Este projeto, como afirma a autora, Cláudia Cardoso (2012), constitui o pensamento de mulheres negras, que está centrado na recuperação da sua história, na reinterpretação desta história a partir de uma nova estrutura teórica construída em oposição aos paradigmas tradicionais, revelando a contribuição das mulheres negras nas diversas áreas do conhecimento, e por fim, no enfrentamento político ao racismo, ao sexismo e ao

heterossexismo através de uma perspectiva interseccional. A obra está subdividida em três partes: *Parte I – Falando de nós*; *Parte II – Dores dessa vida*; *Parte III – Volta por cima*. A divisão remete aos seguintes significados:

“Falando de nós” aponta para a autonomia do discurso emitido pela própria mulher negra, que assume a autoria de sua fala, rejeitando o lugar que lhe foi prescrito como objeto de estudo, o de sujeito infantilizado, porque vítima submissa. É o momento da autodefinição, demonstrando que nós mulheres negras participamos da construção da história da sociedade e formulamos pensamentos. Esta autodefinição tem potencialidade revolucionária, pois contribui para o empoderamento, na medida em que cria condições para o entendimento das estruturas de opressão/dominação, garantindo a sobrevivência coletiva. Ela contribui para o fortalecimento individual e coletivo, na medida em que o grupo fala para si e elabora a sua própria agenda a partir de suas necessidades. (CARDOSO, 2012).

“Falando de nós” recupera, também, a diversidade existente entre as mulheres negras. Segundo Jurema Werneck<sup>3</sup>, o livro era a oportunidade de trazer a mulher negra como protagonista da história de sua trajetória. Assim, a primeira parte do livro resgata a trajetória das mulheres negras refletindo sobre a trajetória das(os) antepassadas(os).

A segunda parte, “Dores dessa vida”, mostra a trajetória de vida das mulheres negras e como gênero, raça e classe enquanto marcadores sociais se interseccionam e manifestam em suas vidas, criando situações de exclusão e vulnerabilidades. Pode-se dizer que, embora, individualmente, as mulheres tenham trajetórias singulares, coletivamente são confrontadas pela intersecção dos marcadores e seus processos de opressão, resultando no desenho de trajetórias semelhantes para mulheres pertencentes a grupos racialmente inferiorizados.

Por último, em “Volta por cima” são evidenciados os enfrentamentos das desigualdades produzidas por gênero, raça e classe levados a termo pelas mulheres negras e as maneiras que desenvolveram para superar os empecilhos interpostos pelo sexismo, racismo e pela divisão de classes, para terem direito a uma vida digna. Para as mulheres negras, o racismo é visto como uma estrutura de dominação e exclusão que marca profundamente suas

---

<sup>3</sup> Entrevista realizada no dia 5 de julho de 2013, às 15:30 pelo Skype, com duração de 18 min.

vidas e, desta forma, a experiência com a intersecção das opressões racial e de gênero será a base para a produção do conhecimento. (CARDOSO, 2012, p. 72).

O livro surge como afirmação de um momento político em que o Brasil estava estruturando suas políticas de saúde para a população negra. Segundo Jurema Werneck, há uma versão norte-americana, publicada em 1990, com organização de Evelyn White<sup>4</sup>, a partir da qual a autora viu a possibilidade de organizar obra semelhante no Brasil, inserindo as histórias das mulheres negras brasileiras. Era a oportunidade de trazer a mulher negra como sujeito da história, mostrando como diferentes mulheres viveram/vivem a discriminação de gênero, raça/etnia, classe e sexualidade.

A estrutura do livro salienta Werneck em entrevista, já estava estabelecida desde sua publicação nos EUA. Assim, a espinha dorsal do livro foi mantida, como estratégia para a visibilidade da mulher negra, brasileira e norte-americana, contribuindo para mostrar, através de suas trajetórias, que as mulheres negras fazem parte da história e, a partir da experiência de cada mulher negra, tornar visível a luta por justiça social e contra o racismo e sexismo. É, portanto, a partir destas experiências que se constrói a obra *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*.

Tracei como estratégia de análise metodológica a classificação das autoras em categorias, como literatura, saúde, política, religiosidade e ativismo. Ao examinar os artigos e cotejar com a trajetória pessoal de muitas das autoras, percebi que o ativismo está ligado ao desenvolvimento das atividades profissionais, isto é, através de suas atividades, sejam elas quais forem, elas propagam suas ideias e concepções com vistas à modificação da realidade das mulheres negras.

Assim, a classificação, construída a partir da combinação de alguns fatores, como temática abordada, forma do texto e experiência político-profissional de cada ativista, tem como objetivo facilitar o trabalho de identificação de elementos constitutivos do pensamento de mulheres negras abordados ao longo da obra, mais do que a simples categorização das trajetórias das autoras. A classificação não pretende encerrar a ação política das autoras em áreas fechadas, até mesmo porque, na realidade de suas vidas, elas cruzam e borram as

---

<sup>4</sup> WHITE, Evelyn C. (org.). *The Black Women's Health Book: speaking for ourselves*. Washington: Seal Press, 1990.

fronteiras das áreas nas quais as inclui. Elas são escritoras ativistas; mães de santo educadoras; pesquisadoras ativistas; políticas artistas.

Para a apresentação das autoras e a construção do seu perfil biográfico, recorri, basicamente, à pesquisa na internet, obtendo diferentes resultados: sobre algumas encontrei muitas informações sobre outras, não, o que traduz a própria trajetória política da ativista, pois, quanto maior a representatividade e influência na sociedade e para sua comunidade maior a divulgação de suas ações.

O título, composto em duas partes, faz refletir acerca da vida e saúde das mulheres negras. Na primeira parte, *O livro da saúde das mulheres negras*, saúde pode ser entendida a partir de uma concepção ampla, como estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas como a ausência de doenças. Neste sentido, na introdução do livro, diz Jurema Werneck (2006), se faz necessário pensar os danos psicológicos causados pelo racismo e sexismo como fatores determinantes para a sua saúde, colocando o termo saúde como uma concepção norteadora da discussão acerca das experiências das mulheres negras. Logo, saúde, neste livro, abrange o entendimento do bem-estar geral, físico, mental e psicossocial, agregando a definição de saúde que perpassa a inclusão da busca de equilíbrio dinâmico da vida.

Através da temática da saúde, o livro procura abordar diversos aspectos da vida individual e coletiva das mulheres negras. Segundo Fernanda Carneiro (2006), em seu artigo “Nossos passos vêm de longe”, falar da saúde da mulher negra é, também, abordar a relação entre religiosidade e corpo o qual foi marcado por experiências de exclusão. Lançar sobre ele um olhar estético-político para entendê-lo como resultado criativo da experiência espiritual, atribuindo-lhe características, como: expressivo, sensível, vulnerável e transcendente. Para a autora, o conceito de saúde está agregado à expressão corporal da mulher negra, expressão ligada, neste movimento, às práticas religiosas de matriz africanas. Saúde é, então, a possibilidade da sensação de bem estar, de equilíbrio interior atingido através da religiosidade.

A concepção de saúde da população negra foi cunhada pelos movimentos negros, nos anos de 1980, e de mulheres negras, nos anos de 1990. Ela diz respeito à “análise sistemática das desigualdades raciais em saúde e no julgamento de que sua manutenção, ao longo dos

séculos, é determinada pelo racismo e outras formas de inferiorização social a ele associadas” (LOPES, WERNECK, s.d., p. 8).

A obra, diz Jurema Werneck em sua entrevista, surge a partir do contexto de buscar transformar a realidade social das mulheres negras, entretanto, medir seu impacto real sobre a vida dessas mulheres se traduz em tarefa difícil, na medida em que o sucesso da ação está diretamente vinculado à circulação e alcance do livro. Além disto, existe uma dimensão subjetiva que deve ser levada em conta, isto é, a recepção da informação depende do processo de leitura e da interpretação individual. Coletivamente, a obra representa uma conquista, pois anuncia a voz das mulheres negras em várias perspectivas.

Desse modo, a primeira parte do título recupera o racismo e a desigualdade racial como determinantes na vida de negros e negras e seus efeitos, como os danos psicológicos causados pela intersecção de raça e classe, com consequências marcantes na vida das mulheres negras, como fica bem evidente no relato “Minha história de saúde mental” onde a autora diz: “Se as oportunidades fossem melhores distribuídas, a minha loucura não teria chegado ao extremo que chegou. Quando falta dinheiro, você entra em paranoia”. (ALELUIA, 2006, p. 169).

Já a segunda parte do título, *Nossos passos vêm de longe*, é um tributo à história das mulheres negras desde o continente africano até a atualidade. A ideia, como mostra Cláudia Cardoso (2012), é enfatizar um *continuum* histórico de luta e resistências contra processos de opressão iniciados com a trajetória das mulheres africanas que sofreram as consequências do tráfico transatlântico e da exploração nas Américas. Segundo a autora, que conclui à luz do posicionamento de Jurema Werneck, o *continuum* histórico têm dois significados. O primeiro seria uma resposta ao feminismo hegemônico e à sua reivindicação de movimento de representação universalista de todas as mulheres a partir de uma história única, a das mulheres brancas, classe média, heterossexuais e educadas. O segundo significado está relacionado à população negra e é dirigido às mulheres negras. Ele serve para lembrar que a luta contra o racismo e sexismo não começou na contemporaneidade. A frase soa como uma herança forte que necessitamos manter para podermos traçar um caminho e seguir em frente com um olhar voltado para as experiências do passado.



Ao pensar em muitos elementos destacados pelas ativistas, ao longo do livro, como fatores de desempoderamento para as mulheres, em especial, as negras, percebi semelhanças entre minha trajetória de vida e a de muitas ativistas. O tema pesquisado, portanto, está totalmente vinculado a minha trajetória pessoal, pois enquanto mulher negra, de família multirracial, vivenciei muitas situações de discriminação racial, inclusive dentro da própria família, onde a diferença de cor da pele se estabeleceu como traço indicativo para a construção de estereótipos de comportamento. Nesse caso, a pele clara é percebida como angelical e afável e a negra como rebelde e indelicada.

Assim, ao fazer a leitura desta obra, coloquei-me no lugar de cada ativista negra, fiz de cada relato de experiência fonte de reflexão para entender minha própria vida, a partir dos dispositivos de diferença produtores de desigualdades e discriminações, que atuam sobre a vida das mulheres negras ditando condições de subalternidade e marginalidade. A leitura do livro me fez ver através das suas trajetórias e compreender que as mulheres negras buscavam/buscam ter um posicionamento político sobre questões que as marginalizam e excluem. Elas empenham seus esforços para reagir à ação devastadora do racismo.

### **3 A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO DAS MULHERES NEGRAS ATRAVÉS DA OBRA**

Ao apresentar a cartografia do pensamento das mulheres negras, busco a compreensão de tal pensamento, isto é, identificar como as mulheres negras produziram seus próprios mapas, retrataram/retratam seu cotidiano e suas referências a partir dos textos enunciados na obra em análise. Como afirma Cláudia Cardoso (2012), as mulheres negras na diáspora têm assumido a tarefa de inscrever na história as suas experiências, incorporando e falando de suas ações como trabalhadoras, ativistas, intelectuais para, através disto, dentre outras formas, procurar desmistificar estereótipos enraizados no imaginário social sobre mulheres negras onde proliferam imagens vinculadas à ética do cuidado (CARNEIRO, 2006, p. 25), ética esta assimilada pelo imaginário social, interligada com construções e representações que remontam ao período colonial, como a figura da mãe-preta ou das amas de leite que acabam por justificar a exploração e subordinação de mulheres negras na sociedade.

Segundo Silvana Santos (2011), as condições discriminatórias do racismo e do sexismo, herdadas do colonialismo e impostas pelo legado da escravização atravessaram séculos e repercutem na contemporaneidade, de modo que mulheres negras e homens negros ainda são balizadas(os) por imagens de controle. A inferiorização das mulheres negras se desenvolve a partir de um contexto no qual assumem relevância características biológicas, como cor da pele e sexo, que vão embasar sistemas de hierarquização social definidos como racismo e sexismo (WERNECK, 2007).

Já Carneiro (2006) ressalta o quanto a escravidão decodificou o corpo do homem negro e da mulher negra, atribuindo-lhe uma lógica diferente e desumanizadora, engendrando significados deturpados, como aqueles que atribuem tanto à mulher negra quanto ao homem negro a existência de fatores diferenciadores no desempenho sexual, que as/os fazem ser percebidas(os) e estigmatizadas(os) como mais quentes na relação sexual. Estes estereótipos provocam danos psicológicos e, uma vez internalizados, acabam atuando como reprodutores do sentimento de subalternização e inferiorização. Podemos desconstruir esses estereótipos, à medida que mostramos de que forma foram construídos, que estes surgiram com o objetivo de desumanizar a população negra pois a desumanização impossibilita o surgimento do sujeito histórico e de sua história, uma vez que o não humano não é produtor do fazer histórico e de conhecimento.

A desconstrução dos estereótipos revela a resistência como parte da trajetória das mulheres negras, por exemplo, contra a escravidão, pois muitas escravas assassinaram feitores e senhores, cometeram suicídio e planejaram fugas sem rotas definidas, fugas motivadas pelos abusos físicos a que estavam expostas, pela inaceitável separação de familiares e, principalmente, para viver a liberdade (CARNEIRO, 2006). Estas ações são formas de resistência indicativas da afirmação da autonomia da mulher negra em relação aos horrores da escravidão, são caminhos a serem ratificados, portanto, na promoção da construção de um novo olhar sobre a história das mulheres negras, pois, é necessário descolonizar o pensamento que a sociedade tem sobre nós. Como salienta Cláudia Cardoso:

Necessita-se de leituras acerca da construção de estereótipos atentas à raça, gênero e sexualidade, capazes de permitir a investigação dos elementos que a colonialidade organiza para engendrar os estereótipos acerca das mulheres negras e desvendar o que está escondido pelo lado escuro/oculto do sistema moderno/colonial de gênero. (2012, p. 133).

Então, precisamos refazer a leitura da construção desses estereótipos para realizar uma abordagem que desmitifique e descolonize os pensamentos sobre mulheres negras, produzindo registros que se oponham às representações desumanizadoras acerca das mulheres negras brasileiras.

#### **4 O LUGAR DE FALA COMO VIA DE EMPODERAMENTO DAS MULHERES NEGRAS**

As intelectuais que compõem o livro dão forma ao pensamento das mulheres negras na diáspora que possuem formação e nacionalidades distintas. O passado comum de escravidão e um presente de enfrentamento do racismo, sexismo e heteronormatividade compulsória constituem um processo que, embora matizado por experiências individuais e por diferentes contextos históricos, une suas trajetórias em torno de uma proposta em defesa da comunidade negra, em especial das mulheres negras, visando o seu empoderamento.

A categoria intelectual, como entendida neste trabalho, rompe com a concepção de que somente sujeitos formados pela Academia são produtores de conhecimento e podem assim ser chamados. O termo intelectual, aqui, decorre de uma articulação entre *práxis* e teoria. Conforme explica Silvana Santos (2011), as intelectuais negras ainda precisam ser reconhecidas como tal pela Academia, pois o conhecimento produzido por muitas é oriundo da experiência prática cotidiana e, por isto, rejeitado pelos cânones da episteme colonialista, uma concepção fomentada pelo racismo que invisibiliza o pensamento da intelectualidade das populações negras no país.

A classificação das autoras sob o rótulo de literatura, ativismo, política, religiosidade e saúde leva em consideração, como dito anteriormente, o lugar de fala de cada uma, a *expertise* na área e como fazem do seu trabalho lugar de militância e espaço político para enfrentar as desigualdades e opressões que excluem as mulheres negras na sociedade, que possuem trajetórias diferenciadas e, diante disto, elaboram várias estratégias de enfrentamento contra o racismo institucionalizado e o sexismo. Ao estabelecer diálogo com os marcadores sociais de gênero e raça, que perpassam as próprias histórias das autoras, elas discorrerem sobre um conjunto de múltiplos enfrentamentos e estratégias Segundo Santos (2011) podemos analisar

alguns caminhos das experiências desenvolvidas pelas populações negras, em especial pelas mulheres negras, e analisá-las dentro destas categorias é entender que os caminhos são vários, como veremos a seguir.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da leitura dos textos e das análises das trajetórias das autoras, transportei-me para o lugar de cada mulher negra, passando, assim, a entender suas angústias, indignações e dificuldades, que foram diversas. Percorrer o caminho de entender o pensamento das mulheres negras, através da obra *O livro de saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*, permitiu compreender como os marcadores sociais registram em nós, experiências marcantes, que deixam gravadas na alma e no corpo, marcas que, muitas vezes, nem o tempo dá conta de apagar. São situações e vivências de exclusões produzidas pela intersecção do sexismo e racismo.

Ao classificar as mulheres em áreas, como saúde, literatura, política, religiosidade e ativismo, busquei traçar um panorama visando fornecer uma visão da constituição do pensamento das mulheres negras brasileiras. As áreas são também espaços de atuação profissional e lugar de fala contra a disseminação ideológica do racismo e sexismo. Concluo que o pensamento diaspórico elaborado pelas mulheres negras constitui e inspira o movimento de mulheres negras brasileiras, um pensamento construído a partir do contato com mulheres da diáspora negra.

A fonte de inspiração, na busca por mudanças significativas na condição social das mulheres negras, vem das nossas ancestrais, aquelas que sempre enfrentaram os poderes constituídos, desde o período pré-invasão colonial, no continente africano. Por fim, este trabalho teve como principal objetivo contribuir para a visibilidade e a valorização da história das mulheres negras, por entendê-las como sujeitos históricos produtores de conhecimento. Através da análise da obra refleti sobre a condição social das mulheres negras na sociedade brasileira e entendi que o conceito de saúde assume uma perspectiva ampla, que passa pelo diálogo com vários aspectos e dimensões da experiência da vida em sociedade em busca do bem-viver.

Analisar essa obra de forma minuciosa foi um grande aprendizado sobre o movimento de mulheres negras no Brasil, principalmente sobre a maneira como vem se organizando politicamente, as resistências desenvolvidas, a forma como expressam suas ideias e concepções e como articulam toda a comunidade, visando o reconhecimento dos direitos da população negra. Posso dizer que cada mulher que escreveu um texto relatando sua trajetória fomentou, em mim, uma força grandiosa para lutar pelos meus ideais, sonhos e metas. Aprendi que, independentemente do lugar onde estamos, podemos expressar nosso pensamento, lutar por uma causa.

Compreendo essa obra como valorosa para a história das mulheres negras brasileiras, pois reúne vários aspectos da vida das mulheres negras em sociedade, discutindo sobre as questões que perpassam as trajetórias das mulheres negras como racismo, sexismo, enfim todas as questões que as discriminam. A obra analisa as mulheres negras que, dentro da experiência de cada uma, foram mudando sua realidade à medida que foram desenvolvendo enfrentamentos contra o racismo e sexismo. Entendo que esta obra está inserida na perspectiva do pensamento diaspórico, pois reflete sobre a mulher negra, desconstruindo os estereótipos e valorizando as suas trajetórias e lutas.

## REFERÊNCIAS

ALELUIA, Rejane. Minha história em saúde mental. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maísa; WHITE, Evelyn. (Org.). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2006. p. 167-175.

BAIROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez - 1935/1994. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maísa; WHITE, Evelyn. (Org.). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2006.

BERNARDO, Teresinha. O candomblé e o poder feminino. REVER – **Revista de Estudos da Religião**, PUCSP, n. 2, 2005. Disponível em:  
<[http://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2005/p\\_bernardo.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_bernardo.pdf)>. Acesso em: 23 nov. 2013.

CARDOSO, Cláudia Pons. **Outras falas: feminismos nas perspectivas de mulheres negras brasileiras**. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares Sobre a Mulher). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. 382f.

CARNEIRO, Fernanda. Nossos passos vêm de longe. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maísa; WHITE, Evelyn. (Org.). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2006. p. 22-41.

CAROLINA MARIA DE JESUS, a escritora que o Brasil esqueceu. **Livres pensadores** [online], 3 fev. 2013. Disponível em: <<http://livrespensadores.net/artigos/carolina-maria-de-jesus-a-escritora-que-o-brasil-esqueceu/>>. Acesso em: 23 nov. 2013.

FALCON, Francisco. História e Literatura. **Revista História das ideias**. v. 21, 2000. Disponível em: <<http://rhi.fl.uc.pt/vol/21>>. Acesso em: 14 jun. 2013.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Uso & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro** Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988a.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. **Revista Isis Internacional**, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988b.

GONZALEZ, Lélia. Nanny. **Humanidades**, Brasília, v. 4, n. 17, p. 23-25, 1988c.

HOOKS, bell. Intelectuais Negras. **Estudos Feministas**, IFCS/UFRJ- PPCIS/UERJ, v. 3, n. 2, p. 464-478, 2. sem.1995. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/10112009-123904hooks.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e Literatura: uma velha-nova história**. História Cultural do Brasil. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/1560>. Acesso em: 15 jun. 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. .Literatura, história e identidade nacional. **Revista Vidya**, Centro Universitário Franciscano de Santa Maria (UNIFRA), n. 33, 2000. <<http://sites.unifra.br/Portals/35/Artigos/2000/33/literatura.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2013.

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010. (Coleção Retratos do Brasil Negro).

SANTOS, Silvana Bispo. **Feminismos em debate: reflexões sobre a organização do movimento de mulheres negras em salvador (1978-1997)**. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares Sobre a Mulher) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. 202f.

SOARES, Valter Guimarães. **História e Literatura é possível sambar?** 2003. Disponível em: [http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh\\_ii/valter\\_guimaraes\\_soares.pdf](http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_ii/valter_guimaraes_soares.pdf) Acesso em: 16 jun. 2013.

SOUZA, Marina de Mello e. A descoberta da África! Nova lei obriga o ensino da história do continente africano nas escolas brasileiras. **Revista de História da Biblioteca Nacional – Raízes Africanas**. Rio de Janeiro, v. 6, p. 91-97, 2009. (História no Bolso, 6).

VIEIRA, Fernando Gil P. A ficção como limite: reflexões sobre o diálogo entre história e literatura. **Fronteiras – Revista Catarinense de História**, Florianópolis, n. 17, p. 13-31, 2009. Disponível em: [http://www.anpuh-sc.org.br/revfront\\_17%20pdfs/art1\\_format\\_ficcao\\_como\\_limite\\_fernando.pdf](http://www.anpuh-sc.org.br/revfront_17%20pdfs/art1_format_ficcao_como_limite_fernando.pdf). Acesso em: 13 jun. 2013. Acesso em: 23 nov. 2013.

WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maísa; WHITE, Evelyn. (Org.). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2006.

WERNECK, Jurema. **O samba segundo as Ialodês: mulheres negras e a cultura midiática**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. 297f.